

O ensino da Morfologia Urbana

Apesar de não ser um tema central do debate morfológico, a discussão sobre o ensino da Morfologia Urbana tem vindo a ganhar destaque ao longo dos últimos três anos. As conferências do *International Seminar on Urban Form / ISUF* em Delft (Cavallo *et al.*, 2014) e no Porto (Oliveira *et al.*, 2014) e a conferência da Rede Lusófona de Morfologia Urbana / PNUM em Coimbra (Pinto e Almeida, 2013) são um exemplo disto mesmo. Os parágrafos seguintes constituem uma introdução às Perspetivas, reunidas neste número da Revista, escritas por académicos Brasileiros, Espanhóis, Italianos e Portugueses que constituem uma reflexão sobre o ensino da Morfologia Urbana. No curto espaço de um Editorial, pretendemos lançar a discussão sobre ‘o que’, ‘onde’ e ‘como’ se ensina Morfologia Urbana e sobre aquilo que se aprende.

Uma importante constatação é que não parecem existir cursos de ensino superior em Morfologia Urbana. Para além disso, numa parte significativa dos cursos de arquitetura, geografia, história ou planeamento não existe uma disciplina de Morfologia Urbana, sendo que os conteúdos referentes ao estudo da forma física das cidades – e dos agentes e processos responsáveis pela sua transformação – se repartem por diferentes disciplinas. A natureza multidisciplinar da Morfologia Urbana e os enfoques mais sectoriais e menos integrados das áreas do conhecimento que têm a cidade como objeto de estudo e/ou intervenção serão algumas das razões fundamentais para esta realidade.

Face a este contexto tão diversificado será possível percebermos o que se ensina nessas disciplinas? Que métodos de ensino se adotam? Quais os textos de referência? O ensino é informado pelos avanços recentes na investigação morfológica?

O conjunto de textos contido neste número descreve-nos contextos de aprendizagem extremamente diversificados, desde situações marcadas por uma abordagem dominante até outros em que diferentes professores, que desenvolvem e aplicam diferentes teorias e conceitos, convergem na educação morfológica de cada estudante (ver, por exemplo, Marat-Mendes, 2015). São apresentados desde contextos mais vocacionados para a descrição e a explicação morfológica (Costa, 2015) até situações em que a análise da forma urbana é indissociável de uma intenção de intervir na

cidade através do projeto (Cálix e Sá, 2015; Sucena, 2015). Os dois textos escritos por colegas espanhóis (Solis e Ruiz-Apilánez, 2015; Suarez *et al.*, 2015) sublinham as vantagens de utilização da cidade como laboratório: o capital acumulado por um contínuo estudo de Toledo e da Corunha parece permitir um conhecimento cada vez mais aprofundado sobre as ruas, parcelas e edifícios das duas cidades espanholas onde estão inseridas as instituições de ensino destes académicos. Se o conjunto de textos nos permite perceber a presença de um conjunto de ‘clássicos’ da Morfologia Urbana nas diferentes listas bibliográficas (Cannigia e Maffei, 1979; Castex *et al.*, 1977; Conzen, 1960; Hillier e Hanson, 1984; Lynch, 1960), é também revelada alguma insatisfação face à desatualização dessas mesmas listas (Meneguetti, 2015). Acresce a este facto a ausência de manuais em Morfologia Urbana. Este aspeto foi anteriormente sublinhado em Oliveira (2014) que sustentou a necessidade de preparar manuais que fornecessem ao estudante uma visão estruturada dos diferentes elementos da forma urbana e dos agentes e processos responsáveis pela sua transformação, olhando não só para a história – desde a criação das primeiras cidades há quase 6 milénios – mas também para os desafios que se colocam às cidades contemporâneas, descrevendo as diferentes abordagens morfológicas existentes e lançando as bases para uma relação sólida entre Morfologia Urbana e prática profissional e entre Morfologia Urbana e outras áreas do conhecimento.

Se cada exercício de avaliação que realizamos nos dá uma ideia dos conteúdos morfológicos que o estudante foi capaz de apreender, será mais difícil perceber aquilo que a Morfologia Urbana lhe forneceu, de facto, para o seu percurso académico e profissional. No entanto, também aqui este conjunto de textos nos procura dar algumas indicações. Costa (2015) e Viana e Carlos (2015) descrevem como os seus estudantes têm ‘regressado’ à Morfologia Urbana quando da escolha do tema para as suas dissertações, anos depois de terem contactado pela primeira vez com as questões da forma urbana. Esta constatação é tanto mais relevante quanto sabemos que a Morfologia Urbana não tem nestes cursos um papel central. No entanto, importa também questionarmo-nos, como Meneguetti (2015), se os conteúdos adquiridos em termos de análise morfológica têm um reflexo posterior nos exercícios de desenho da cidade no

âmbito das outras disciplinas mais voltadas para a prática. Apesar das dificuldades – sentidas tanto por estudantes, como por acadêmicos e profissionais – em passar da análise morfológica para a intervenção concreta na paisagem urbana, é neste processo que se joga a utilidade da ciência da forma urbana.

Referências

- Calix, T. e Sá, M. F. (2015) ‘O ensino da morfologia urbana na FAUP’, *Revista de Morfologia Urbana* 3, 74-5.
- Caniggia, G. e Maffei, G. (1979) *Composizione architettonica e tipologia edilizia: 1. Lettura dell’ edilizia di base* (Marsilio, Veneza).
- Castex, J., Depaule, J. e Panerai, P. (1977) *Formes urbaines: de l’ilot à la barre* (Dunod, Paris).
- Cavallo, R.; Komossa, S.; Marzot, N.; Pont, M. e Kuijper, J. (eds.) (2014) *New urban configurations* (IOS Press, Amesterdão).
- Costa, S. (2015) ‘Relatos sobre o ensino de Morfologia Urbana na UFMG’, *Revista de Morfologia Urbana* 3, 67-9.
- Hillier, B. e Hanson, J. (1984) *The social logic of space* (Cambridge University Press, Cambridge).
- Lynch, K. (1960) *The image of the city* (MIT Press, Cambridge).
- Marat-Mendes, T. (2015) ‘O ensino da morfologia urbana no ISCTE-IUL’, *Revista de Morfologia Urbana* 3, 77-80.
- Meneguetti, K. (2015) ‘O ensino da morfologia urbana no curso de arquitetura e urbanismo da UEM’, *Revista de Morfologia Urbana* 3, 61-2.
- Oliveira, V. (2014) ‘Manuals for urban morphology’, *Urban Morphology* 18, 77-8.
- Oliveira, V., Pinho, P., Mendes, L., Patatas, T. e Monteiro, C. (eds.) (2014) *Our common future in urban morphology* (Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, Porto).
- Pinto, N. e Almeida, A. (eds.) (2013) *Forma urbana nos territórios de influência portuguesa* (FCTUC, Coimbra).
- Solis, E. e Ruiz-Apilánez, B. (2015) ‘A morfologia urbana como base para a formação urbanística dos arquitectos. A experiencia da Escola de Arquitetura de Toledo’, *Revista de Morfologia Urbana* 3, 54-6.
- Suarez, X., Lopez, C., Mosquera, V., Revilla, C. e Fontán, C. (2015) ‘Análise urbana na ETSA da Coruña’, *Revista de Morfologia Urbana* 3, 80-2.
- Sucena, S. (2015) ‘Projetar nas franjas urbanas. Um processo entre escalas, objetos e temas diversos’, *Revista de Morfologia Urbana* 3, 72-4.
- Viana, D. e Carlos, G. (2015) ‘A morfologia urbana na ESG’, *Revista de Morfologia Urbana* 3, 51-4.

Vítor Oliveira

Urban Morphology

Foi publicado em Abril, o primeiro número do volume 19 da revista *Urban Morphology* (http://www.urbanform.org/online_public/index.shtml). Este número inclui cinco artigos.

No primeiro artigo, Paul Sanders e Sarah Woodward propõem um método para avaliar e medir elementos arquitetónicos, com um enfoque particular na tridimensionalidade dos edifícios.

O artigo de Karin Meneguetti e Stael Pereira Costa explora os limites do conceito Conzeniano de cintura periférica aplicando-o numa cidade Brasileira planeada nos anos quarenta, Maringá. As autoras comparam a importância da configuração planeada da cidade com a formação de antigas cidades muralhadas no processo de criação das cinturas periféricas interiores.

Jian Zhang aplica o método Conzeniano de análise do plano – relacionando-o com o tecido

edificado e os usos do solo – no centro histórico de Guangzhou, China.

O texto de Eisa Esfanjary analisa a evolução das formas urbanas – particularmente do sistema de ruas – de Maibud, uma cidade Iraniana de média dimensão. O autor identifica três padrões de rua ligando cada um deles a um período fundamental da história urbana da cidade.

Por fim, Vítor Oliveira, Cláudia Monteiro e Jenni Partanen comparam quatro abordagens dominantes no estudo da forma urbana: histórico-geográfica, tipo-morfológica, sintaxe espacial e análise espacial (com um enfoque nos autómatos celulares). O propósito fundamental do artigo é perceber como combinar e coordenar estas abordagens de modo a melhorar a descrição e explicação das formas urbanas existentes e o desenho de novas formas urbanas.